

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Carolina Fernandes

**A INFLUÊNCIA DAS PRIMEIRAS RELAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA NO
PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR.**

Porto Alegre

2º semestre de 2011.

Carolina Fernandes

**A INFLUÊNCIA DAS PRIMEIRAS RELAÇÕES SOCIAIS DA CRIANÇA NO
PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR.**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Roséli Maria Olabbariaga Cabistani.

**Porto Alegre
2. Semestre
2011**

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... Aos meus familiares e amigos, que me incentivaram a tornar este sonho possível.

... A minha mãe, Lea Rut Fernandes, pelo empenho e determinação na minha formação e pela mulher admirável que esteve ao meu lado compartilhando as alegrias e adversidades, me dando todo o apoio e proteção.

... Ao meu marido, Leonardo Rafael Magnone Waysel, por suportar minhas ausências, pelos momentos de carinho e tentativas de descontração ao longo do semestre, que fazem com que eu o admire cada dia mais.

... A minha orientadora, Profa. Dra. Roséli Cabistani, pela dedicação, paciência e principalmente por estar sempre presente nos momentos em que mais precisei.

... A equipe da escola Sonho de Infância, em especial a Sra. Zilá Cunha Barcellos, Débora Frigotto Henrique e Clara Coelho Marques, pela generosidade, confiança em meu trabalho e pelos momentos em que precisei me ausentar no percurso desta pesquisa.

... Aos meus alunos da turma do maternal I, pelas aprendizagens e trocas que jamais serão esquecidas. Cada sorriso me dava ainda mais força para seguir adiante.

... As colegas com as quais tive imenso prazer em conviver neste último ano, certamente excelentes futuras pedagogas, que tornaram minhas manhãs mais alegres e divertidas.

Você é...

Você é os brinquedos que brincou, as gírias que usava, você é os nervos a flor da pele no vestibular, os segredos que guardou, você é sua praia preferida, Garopaba, Maresias, Ipanema, você é o renascido depois do acidente que escapou, aquele amor atordoado que viveu, a conversa séria que teve um dia com seu pai, você é o que você lembra.

Você é a saudade que sente da sua mãe, o sonho desfeito quase no altar, a infância que você recorda, a dor de não ter dado certo, de não ter falado na hora, você é aquilo que foi amputado no passado, a emoção de um trecho de livro, a cena de rua que lhe arrancou lágrimas, você é o que você chora.

Você é o abraço inesperado, a força dada para o amigo que precisa, você é o pelo do braço que eriça, a sensibilidade que grita, o carinho que permuta, você é as palavras ditas para ajudar, os gritos destrancados da garganta, os pedaços que junta, você é o orgasmo, a gargalhada, o beijo, você é o que você desnuda.

Você é a raiva de não ter alcançado, a impotência de não conseguir mudar, você é o desprezo pelo o que os outros mentem, o desapontamento com o governo, o ódio que tudo isso dá, você é aquele que rema, que cansado não desiste, você é a indignação com o lixo jogado do carro, a ardência da revolta, você é o que você queima.

Você é aquilo que reivindica, o que consegue gerar através da sua verdade e da sua luta, você é os direitos que tem, os deveres que se obriga, você é a estrada por onde corre atrás, serpenteia, atalha, busca, você é o que você pleiteia.

Você não é só o que come e o que veste. Você é o que você requer, recruta, rabisca, traga, goza e lê. Você é o que ninguém vê.

(Martha Medeiros)

Resumo

Esta pesquisa trata dos meandros que envolvem o processo de adaptação na educação infantil, buscando identificar a influência que as primeiras relações sociais da criança no âmbito familiar exercem no processo de iniciação escolar. A pesquisa é permeada pelos estudos sobre o desenvolvimento infantil e os processos de adaptação. Spitz (1979) e Dunker (2008) tratam do vínculo materno e como se dá a formação do objeto libidinal, bem como o processo de desmame. Os estudos de Masotta (1987) e Cabistani (2007) são produtivos através de uma conceituação de função paterna e da professora como terceiro na relação família-escola. O trabalho foi realizado através de relatos de experiência e configura-se como estudo de cunho etnográfico realizado em uma turma de educação infantil com crianças de dois a três anos, em uma escola particular situada em Porto Alegre. Foram descritas as experiências vivenciadas pela professora, pais e crianças envolvidas em três distintos processos de adaptação. Foram analisados os diferentes contextos em que as adaptações ocorreram, bem como os papéis assumidos pelos sujeitos envolvidos, tendo destaque a influência das primeiras relações estabelecidas entre a criança e o adulto que exerce a função materna e paterna frente a este novo universo que é a escola.

Palavras-chave: Adaptação. Desmame. Vínculo materno.

FERNANDES, Carolina. **A influência das primeiras relações sociais da criança no processo de adaptação escolar.** Porto Alegre: UFRGS, 2011. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Sumário

1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL	7
1.1 OUTRO MODO DE VER A CRIANÇA.....	9
1.2 O PERCURSO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	10
2 VÁRIOS CAMINHOS, UMA ESCOLHA.....	13
3 CHEGUEI! AS PRIMEIRAS EXPECTATIVAS DOS PAIS EM RELAÇÃO AO BEBÊ.	15
4 VÍNCULO-MATerno: A FORMAÇÃO DO OBJETO LIBIDINAL.....	17
5 A FUNÇÃO PATERNA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	21
6 PROFESSORA: A ENTRADA DO TERCEIRO NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR.....	23
7 A ESCOLA FRENTE À ADAPTAÇÃO	26
8 RELATOS DE EXPERIÊNCIA E ANÁLISES.....	29
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

1 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL

O presente trabalho tem como objetivo discutir os meandros que envolvem o processo de adaptação na educação infantil, em especial no que diz respeito às interações sociais. Meu interesse pelo tema justifica-se ao refletir acerca das minhas experiências no estágio curricular obrigatório como professora titular, em uma escola localizada no bairro Petrópolis, da cidade de Porto Alegre.

Neste último ano, a turma em que lecionei foi o maternal I, formada por crianças na faixa etária entre dois e três anos de idade. Tive então, a oportunidade de presenciar situações que me fizeram pensar sobre tudo que permeia esta etapa da adaptação, tão significativa para o desenvolvimento da criança. Isto me levou a interrogar não só a fase em que há uma “adequação” da criança ao espaço, ao grupo e à rotina da instituição, mas principalmente me levou a perguntar de que forma as experiências já vivenciadas pela criança influenciam (ou não) neste processo, ou seja, que interferências terão as experiências pregressas da criança, no que tange às relações sociais, no processo de adaptação escolar? Estas questões me motivaram a pesquisar sobre a influência das relações sociais - principalmente com a figura materna - no processo da adaptação, tanto as interações no convívio familiar antes da escola, como as experiências que se dão a partir da entrada da criança na mesma. Com o desenvolvimento deste estudo, tenho como objetivos entender o papel das funções materna e paterna no processo de desenvolvimento da criança, estudar os sentimentos da criança e da figura materna diante do processo de adaptação à escola de educação infantil e a relação com o desmame e discutir a importância das primeiras relações familiares da criança e suas consequências no processo de adaptação.

Ao pensar por que o tema referente às questões da adaptação me motivou de tal forma, refleti sobre minha trajetória como docente, mais especificamente na área da educação infantil. Durante parte do curso de pedagogia minhas experiências profissionais não se deram no campo educacional, no entanto, havia muita expectativa de minha parte para que eu pudesse, finalmente, aliar meus estudos à prática docente. Ao iniciar estágio na escola, que com orgulho permaneço até hoje, fui totalmente acolhida pela equipe de trabalho, pais e, sobretudo, pelas crianças. No

entanto, passei por um processo de adaptação lento e gradual, o qual não seria possível obter sucesso sem o apoio das professoras e da equipe diretiva da instituição. O apoio recebido da equipe me motivou a conhecer cada vez mais o funcionamento da escola e me envolvi totalmente, passado o período de estágio recebi convite para ser a responsável titular pela turma e fui contratada pela escola.

Como tudo o que é novo pode causar certo estranhamento, levei algum tempo até adaptar-me à rotina da instituição e todas as responsabilidades que a mim seriam designadas nesta nova etapa. Neste sentido, saliento a importância que minha relação com este grupo de pessoas teve em meu período de adaptação na escola e o quanto minhas vivências prévias tiveram impacto e influenciaram neste processo.

Pensando em minha trajetória posso perceber o caminho que fui percorrendo para chegar até o tema proposto, que certamente tem muito mais de mim do que eu mesma poderia imaginar. Minhas escolhas, minhas dúvidas e minhas convicções, enfim, todas as experiências vividas foram (e ainda são), determinantes para o caminho que eu escolhi seguir. Dessa forma, acredito na relevância que esse estudo possa proporcionar a mim e a quem mais possa interessar-se pelas questões da infância no âmbito da educação infantil, visto que os estudos a partir da psicanálise têm muito a contribuir para conhecermos a criança em seu processo de formação, como ela é inscrita no mundo como sujeito. Reitero também que somente a partir de subsídios teóricos poderemos contribuir efetivamente e compreendermos os processos que envolvem as questões do mundo infantil.

Tendo por base minha própria experiência, acredito que as relações sociais são fundamentais, principalmente na fase em que a criança é inserida no convívio escolar. Sendo assim, todas as experiências proporcionadas à criança pelos pais terão grande influência no decorrer da sua vida, sobretudo no processo de adaptação. Esse primeiro contato com o ambiente escolar, contudo, deve ser levado em consideração através da tríade pais, professores e instituição, de modo a oferecer às crianças experiências significativas na escola, que certamente levarão para a vida.

Este trabalho tem como proposta um aprofundamento teórico do tema separação/adaptação, contribuindo assim para a compreensão da prática educativa,

considerando a relevância das contribuições da psicanálise. Os dois primeiros capítulos a seguir contextualizam como os adultos viam o mundo infantil na idade Média e como as famílias foram transformando seu conceito de infância.

O segundo capítulo explana minhas escolhas metodológicas para a realização desta pesquisa. O terceiro capítulo refere-se às expectativas dos pais em relação a chegada do bebê e a participação essenciais das funções materna e paterna na constituição do sujeito psíquico. O quarto capítulo abrange o vínculo que se forma entre a mãe e o bebê já nos primeiros meses de vida e a formação do objeto libidinal, conforme estudos de Christian Dunker e René Spitz.

No quinto capítulo utilizo estudos de Roséli Cabistani, Christian Dunker e Oscar Masotta para defender a importância da função paterna na constituição do sujeito. No sexto capítulo faço uma relação entre a educação e a função paterna, aliando estudos de Maciel e Ribeiro. No sétimo capítulo demonstro a posição da escola em que os casos de deram, frente à adaptação escolar.

No oitavo capítulo relato e analiso os casos em que se deram os processos de adaptação neste ano letivo e o último capítulo é dedicado às conclusões acerca da pesquisa.

1.1 OUTRO MODO DE VER A CRIANÇA

Atualmente, a sociedade encontra-se em processo de conscientização da importância da educação infantil e da valorização das experiências vivenciadas pelas crianças no cotidiano escolar, pois somente através das suas experiências ela terá a oportunidade de desenvolver de forma plena todas as fases da infância até a vida adulta. A infância e tudo que diz respeito a ela nem sempre recebeu a atenção necessária.

Na idade média, as crianças participavam desde cedo do mundo adulto e não havia uma preocupação com o contexto do mundo infantil.

[...] as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja, aproximadamente aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na

grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. (ARIÉS, 1981, p. 275).

Dessa forma, as especificidades da criança na idade medieval, não eram pensadas na sociedade e tampouco no âmbito familiar. A instituição família na antiguidade era encarregada de assegurar a transmissão da vida, do nome e dos bens, os laços afetivos não eram preservados e os cuidados com as crianças eram designados a terceiros. Os vínculos familiares não existiam até o século XVII, as pessoas viviam misturadas umas com as outras, não havia a intimidade da vida privada.

A partir do século XVIII o aspecto moral, através da religião, começou a prevalecer e a família assumiu uma função protetora em relação à criança, dessa forma, passou-se a admitir que os infantes não estavam aptos para participar de todas as atividades do círculo social dos adultos e que a instituição familiar deveria ser a responsável por proporcionar aos filhos, sobretudo, uma preparação para a vida em sociedade.

Contudo, a instituição familiar sofreu transformações com o passar do tempo, o que permitiu considerar as necessidades da infância, como dar proteção, proporcionar educação e mais do que isso, estreitar os laços afetivos entre os adultos e as crianças.

1.2 O PERCURSO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Na escola em que leciono – e que eu e meus alunos passamos metade do nosso dia - as paredes e as cortinas são coloridas com um rosa aconchegante, as janelas são amplas, o espaço é muito agradável e a porta tem saída para um dos pátios, todos que chegam elogiam a nossa sala. Acreditando na concepção da organização da sala de aula própria da educação infantil através de locais em que as crianças possam realizar diferentes atividades simultaneamente e com ampla autonomia, os chamados “cantinhos pedagógicos”, foram construídos no decorrer deste ano: o da leitura com os livros, almofadas e sofás apropriados ao tamanho das crianças, o da beleza com secador de cabelo (de brinquedo) e outros acessórios

infantis, há pouco também fizemos um cantinho para brincarmos de supermercado (atrelado ao projeto referente à alimentação).

Acredito na importância de um espaço lúdico e acolhedor, sobretudo que considere as necessidades das crianças e que sejam construídos junto com o grupo de alunos, considerando suas vontades, personalizando o ambiente, criando e recriando a partir dos espaços disponíveis. A partir dessas práticas, as crianças terão oportunidades de desenvolverem entre si, dentre muitos outros ganhos, as interações sociais, a criatividade e, sobretudo, a autonomia e a construção de diferentes aprendizagens, além de simplesmente brincarem e se divertirem muito. A turma é bastante unida, participativa e brincam muito juntos, o que pode estar atrelado à minha concepção de ensino pautada na participação das crianças durante a tomada de decisões com relação às atividades cotidianas, tais como a possibilidade de escolha dos locais para lanche, as histórias a serem contadas (e ouvidas) pela professora, a resolução de conflitos, dentre outras situações. De minha parte procuro tomar as decisões em conjunto com o grupo e as crianças, por sua vez, sentem-se muito valorizadas nessas ocasiões. (meu relato)

Mas que relação este relato poderia ter com o percurso traçado pela educação infantil? Este é um pequeno exemplo de uma prática que, se na atualidade é considerada como fundamental, antigamente não era sequer cogitada nas escolas infantis. Ocorre que há pouco tempo atrás, essas e muitas outras necessidades das crianças não eram levadas em consideração nas instituições educacionais. Bujes (1998) salienta que a idéia de sujeito em formação e de como é vivida a experiência da infância, pode variar de época para época (são históricas) e as escolhas que fazemos para dirigir este processo, também.

A concepção de criança vem se transformando de acordo com os processos históricos e as transformações culturais e sociais. No Brasil, as creches e pré-escolas eram vistas como assistencialistas, um lugar em que as mães deixavam seus filhos por falta de opção para que pudessem trabalhar. De fato, certas instituições ainda hoje o são, mas esta é uma realidade que vem, aos poucos se modificando e atualmente emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeito de direitos, um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserido. (BRASIL, 2006, p.8).

A partir da Constituição de 1988 ficou legalmente definido que os pais, a sociedade e o poder público têm de respeitar e garantir os direitos das crianças.

A creche e a pré-escola têm portanto uma função de complementação e não de substituição da família como muitas vezes foi entendido. Assim, elas deverão integrar-se com a família e com a comunidade para que juntas possam oferecer o que a criança necessita para seu desenvolvimento e para sua felicidade. (CRAIDY, 1998, p. 20).

Dessa forma, Constituição através da lei que se faz presente, tem o objetivo de assegurar às crianças um olhar singular, de sujeitos de direitos e em pleno desenvolvimento, e as creches e pré-escolas, por sua vez, devem ser consideradas de caráter educacional e não puramente assistencialista.

2 VÁRIOS CAMINHOS, UMA ESCOLHA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, configura-se como um estudo de caso de cunho etnográfico, pois busca analisar as relações imbricadas no processo de adaptação de um determinado grupo, em um contexto específico, neste caso, a turma de maternal I com a qual trabalho. Este grupo de crianças, na faixa etária dos 2 aos 3 anos, frequenta uma escola particular de educação infantil localizada na cidade de Porto Alegre.

Ao observar o processo de adaptação de algumas das crianças que ingressaram nesta turma, chamou-me atenção as diferentes reações das crianças e seus respectivos familiares frente a este momento tão importante na vida da criança. Caracterizada por um estudo qualitativo, as interações entre a professora, as crianças e os pais envolvidos são detalhadas, bem como os momentos e locais em que estas ocorreram.

À medida que ocorriam as adaptações de meus alunos, comecei a interessar-me pela temática, entretanto, a última criança que ingressou na turma, passou por um processo de adaptação muito peculiar. A partir de então, muitas outras problematizações a respeito do tema da pesquisa passaram a ser formuladas.

A descrição das ações dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa presentes no trabalho através dos relatos de experiências, reafirmam esta pesquisa como um estudo de cunho etnográfico, pois os detalhes presentes nas descrições do contexto apresentam-se como marcas deste tipo de pesquisa. (Lüdke e André, 1986)

É importante esclarecer que, durante a realização da pesquisa, vi-me em situação particular, atuando como professora e pesquisadora na turma em que foi realizado este estudo. Todas as ações envolvidas nesse processo instigaram-me a buscar por referencial teórico que embasasse meus questionamentos – exigindo um olhar mais focado, um olhar de pesquisador. A partir das reuniões de orientação e das experiências que vinha vivenciando em sala de aula, optei pela utilização das avaliações mensais dos alunos previamente elaboradas para aprofundar meus conhecimentos a respeito do assunto.

Buscando manter a identidade dos sujeitos da pesquisa sob sigilo, tendo em vista os aspectos éticos a que este estudo está submetido, os nomes das crianças são indicados por nomes fictícios. Por estar ocupando, simultaneamente, o papel de professora e pesquisadora nesta turma, as observações e ações ocorreram vinculadas às atividades cotidianas da escola, tendo minha participação propondo atividades e convidando as crianças que estavam em adaptação a interagir com o grupo de colegas e ambientando-os ao novo espaço.

Ao discutir sobre a importância das funções materna e paterna no desenvolvimento infantil e nas relações sociais iniciais que com eles estabelecem e que poderão ter grande influência em uma posterior iniciação à vida escolar, trago, no capítulo a seguir, algumas considerações sobre as expectativas que a chegada de um bebê gera nos pais.

3 CHEGUEI! AS PRIMEIRAS EXPECTATIVAS DOS PAIS EM RELAÇÃO AO BEBÊ.

O nascimento de um bebê é - ou deveria ser - para a maioria das famílias, um momento sublime e de plena realização, pois a chegada de uma criança gera muitas expectativas. Mesmo antes do seu nascimento, os pais se antecipam em imaginar o rostinho do bebê e seus traços físicos, como a cor do cabelo, dos olhos, o formato da boca, do nariz e as possíveis semelhanças com o papai e a mamãe. Ao nascer, a ansiedade dos pais em conhecer o (a) pequenino (a), dá lugar aos primeiros cuidados e todas as preocupações que envolvem os primeiros dias de vida: o banho, a troca de fraldas, o choro, as noites mal dormidas (do bebê e também dos pais), os cuidados médicos...

A responsabilidade em ter nos braços uma vida tão frágil e dependente certamente gera muitas dúvidas e angústias, mas o fato é que só se aprende a ser pai e mãe, sendo. A medida em que a criança vai crescendo, tanto os pais quanto a criança vão se acostumando com a nova rotina e com tudo que envolve esta nova fase, afinal, é um mundo novo e desconhecido para todos os envolvidos.

Além dos cuidados básicos que os pais têm que dar conta, como a chupeta mais adequada, as roupinhas de acordo com a estação, a introdução progressiva dos alimentos, a decoração do quarto e outras providências para que o bebê se sinta confortável, os pais (sobretudo a mãe, como veremos a seguir) ou as pessoas que exercerão essas funções, são os principais responsáveis por se ocuparem de uma outra função tão ou mais imprescindível para a sobrevivência da criança: a constituição do sujeito psíquico.

Acredito incondicionalmente na importância das primeiras relações da criança com seus pais e no papel fundamental que cada um exerce na constituição do sujeito, na medida em que a família é a grande responsável por dar à criança uma base sólida e segura para que futuramente possa enfrentar o mundo de forma confiante. Essa construção da relação da criança com os pais terá grande influência na vida adulta, e por consequência, nas relações e laços sociais que se formarem em seu meio (coletivo) a partir das experiências por ela vividas na infância. Para Chraim (2009, p. 26) "É na base familiar que a criança começa a construir sua real

identidade, que será formada a partir das experiências e da forma como aprendeu a lidar com as informações que recebe”.

Toda essa experiência, e principalmente a forma como a criança irá absorvê-la, estarão refletidas no decorrer de toda a sua história, e no processo de adaptação escolar não será diferente. Mais adiante poderemos observar as influências das relações familiares no processo de iniciação à vida escolar, no âmbito da educação infantil. Maciel (2010) ressalta que o desenvolvimento é marcado pelo desejo do Outro¹ e não por uma regulação biológica pré-determinada. Dessa forma, tanto a função materna quanto a função paterna serão fundamentais para inscrever a criança como sujeito de desejo. O eu se constitui à imagem de uma rede de inscrições de memória, de vivências de satisfação e de dor, antecipados pelos pais ao bebê. O ser humano é um ser de relação, portanto, só se constitui na cultura, só existe um Eu se houver um Tu que o nomeie.

Se num primeiro momento o bebê libera suas descargas sensoriais e motoras em desordem, aos poucos vai organizando e aguçando suas percepções e em resposta aos estímulos do adulto, vai registrando o que ocorre em seu meio e assim suas ações vão fazendo sentido para ele mesmo, ou seja, ele torna-se sujeito desejante a partir do desejo dos pais. Ele não se constitui sozinho. Cabistani (2007) afirma que o Outro primordial faz um esforço de antecipação ao tomar o corpo do bebê, atribuindo-lhe um querer, supondo-lhe expressões que ele verdadeiramente ainda não é capaz de formular.

Para melhor desenvolver a noção de subjetividade primária, vou descrever como se constitui os primeiros vínculos entre a mãe e o bebê, bem como o fato de que o crescimento e desenvolvimento do setor psicológico são essencialmente dependentes do estabelecimento das relações objetais, cada vez mais significativas, isto é, das relações sociais.

¹ O Outro para Lacan, escrito com inicial maiúscula, refere-se ao conjunto dos sistemas simbólicos, das formas sociais e regras de cultura que tornam possíveis nossas relações com os semelhantes (os outros, com minúscula). O Outro é o campo da linguagem, inicialmente representado pela pessoa que cumpre a função materna. (Dunker, p. 16, 2008)

4 VÍNCULO-MATERNO: A FORMAÇÃO DO OBJETO LIBIDINAL

Nos primeiros meses de vida, o bebê requer, mais do que em qualquer outra fase, uma série de cuidados, pois é um ser ainda muito indefeso e necessita do outro para sobreviver. A medida em que a criança vai crescendo e desenvolvendo suas potencialidades, ela vai tornando-se mais autônoma, apesar do vínculo entre mãe-bebê ser incontestavelmente necessário. Segundo Spitz (1979) a mãe terá papel fundamental no desenvolvimento de consciência e participação vital nesse processo de aprendizagem.

Cabe esclarecer que, ao menos para o bebê, à princípio, esta relação afetiva não existe, a mãe é simplesmente a fonte de satisfação de suas necessidades. O bebê não diferencia ele próprio da mãe, pensa que ele e a mãe são um único indivíduo. A amamentação é um exemplo desta indiferenciação, ele considera o seio materno parte de si mesmo.

Inicialmente, ele não consegue distinguir o mundo externo do seu próprio, pois há uma incapacidade para perceber o mundo que o cerca. O bebê percebe a aproximação do adulto, mas a percepção do ambiente resulta tão somente da tensão gerada por um impulso não-satisfeito, como por exemplo, a fome. Com o passar do tempo, ele percebe, depois de várias repetições, diversas vezes ao dia, que toda vez que ele sente fome, o ser humano aparece para saciar suas necessidades.

No decorrer das primeiras seis semanas de vida, um traço mnemônico da face humana é estabelecido na memória infantil, como primeiro signo da presença de uma satisfação das suas necessidades. (SPITZ, 1979, p.62).

Se num primeiro momento o bebê fica à mercê dos primeiros cuidados dos pais, aos poucos ele vai organizando e aguçando suas percepções, em resposta aos estímulos do adulto. Dessa forma, podemos perceber a importância do papel do adulto no desenvolvimento do bebê e, sobretudo, do afeto e atenção que são a ele empreendidos através dos gracejos, carícias e olhares. Vemos assim toda a importância das interações entre o bebê e os pais desde as primeiras semanas de

vida, indicando assim, através da suposição dos desejos que estão implicados nessa relação, a construção do sujeito.

Conforme Dunker:

Aqui entra a figura do adulto prestativo, que, diante de uma criança, costuma reconhecê-la como alguém. É capaz de afinar a voz, modificar a postura e, principalmente, antecipar qualidades e capacidades que o bebê objetivamente não tem. (DUNKER, p. 15, 2008).

Segundo Spitz (1979), a partir do terceiro mês de vida, o bebê já é capaz de distinguir o rosto do adulto entre todas as outras “coisas”, pois ele responderá à face humana com um sorriso, que será o indicador de transição da passividade para o início do comportamento ativo. Nesta fase o bebê poderá sorrir para qualquer pessoa, indiscriminadamente, não importando se é familiar ou estranho.

Na segunda metade do primeiro ano de vida o bebê já não responderá com um sorriso ao ver alguém que não seja conhecido. Ao contrário, poderá, na maioria das vezes sentir-se, incomodado, encabulado e reagir com choro, é a fase que Spitz (1979) chama de ansiedade dos oito meses e Jacques Lacan chamou este período de estágio do espelho, um dos momentos formativos do eu, conforme Dunker, (2008). Isso não significa necessariamente que o bebê tenha tido alguma experiência desagradável com o adulto, mas que os traços de memória da face materna não são idênticos ao outro que o bebê percebe como estranho.

Esta reação do bebê, de apego e diferenciação dos traços da mãe frente a outros adultos, é o indicativo que o bebê estabeleceu uma relação objetal, ou seja, a mãe transformou-se em seu objeto libidinal, isto é, de amor.

4.1 Desmame: o início de um processo de separação

Os pais, como já sabemos, são os principais responsáveis pelos cuidados e evolução da criança, as figuras materna e paterna, no entanto, exercem funções distintas quanto aos processos de formação do sujeito. Por ter na mãe o primeiro

indivíduo com quem se relaciona e pelo qual criou uma relação de amor e confiança, no decorrer do primeiro ano, a relação mãe-filho transforma-se no que Spitz (1979) chamou de a grande relação social do indivíduo, pois se num primeiro momento ela apenas satisfaz suas necessidades, mais tarde ela será a responsável por apresentar à criança um universo de possibilidades, o qual, invariavelmente, será influenciado pela história de vida da própria mãe, suas relações anteriores, suas vivências, sua personalidade.

A mãe – ou quem está no lugar de fazer as vezes de mãe - num primeiro momento, é a grande responsável pela satisfação das necessidades da criança, é ela quem dará, através da amamentação e da função nutritiva do mamar, a primeira gratificação que a criança recebe do mundo externo. A princípio essa satisfação se deve ao alívio da fome, mas logo a criança se identificará com o prazer erógeno proporcionado pelo contato da boca com o seio materno, essa relação caracterizará a total dependência do bebê em relação à sua mãe. Essa descoberta tem relação direta com os cuidados que a mãe (ou quem faz essa função) dispensa ao bebê, o contato corporal induz a experiências de prazer e desprazer onde qualquer parte do seu corpo pode vir a tornar-se fonte de satisfação. Quando cuidamos de uma criança, também estamos erotizando seu corpo, ajudando-a a construir um corpo pulsional e não meramente biológico funcional (Dunker, 2008).

Ao sugar, o bebê experimenta um prazer oral que o marcará para sempre e será lembrado nas gratificações orais como no ato de fumar e beber, bem como nas patologias da oralidade, como anorexia e bulimia. O segundo estágio do erotismo oral é substituído pelo prazer de morder, mais tarde a criança abandona a boca como zona erógena e outras áreas do corpo assumem uma maior importância. Acredito que experiências vividas no período de amamentação serão de fundamental importância e poderão determinar inúmeras características de personalidade, por isso considero a amamentação, e conseqüentemente o desmamar, um dos períodos mais importantes na vida da criança. Como já vimos anteriormente, o seio à princípio é percebido pela criança como fazendo parte dela mesma, sendo assim, o desmame será como tirar algo do seu próprio corpo. Implica em perder esse acesso ao corpo materno, existir fora dele. A amamentação e o

desmame, no entanto, não se restringem ao ato, mas dizem respeito à relação com o corpo materno.

Por isso torna-se importante a cumplicidade entre mãe e filho, em que possa haver uma relação que passe também pela fala, pelo olhar. Segundo Rodolfo (1990) o simbólico está ligado a esse processo. O jogo de esconde-esconde- a brincadeira do aparecimento e desaparecimento - provoca prazer e passa a ser um acontecimento libidinal, e outras formas do simbólico também podem ser citadas, como a brincadeira de “deixar cair coisas” para que o adulto as devolva, essa brincadeira demonstra que a criança está preparada para o desmame, pois trata-se do jogo de presença/ausência.

O processo do desmame, contudo, é muito mais do que somente uma passagem pela fase oral, também é essencial no processo de subjetivação e individuação do sujeito, existe aí um desmamar-se do olhar materno, é o início da separação do corpo do Outro. Com o desmame, a criança, que via a mãe como parte de si mesma, passa a percebê-la como inteira: com olhos, voz, boca... e percebe que deste conjunto ela não faz parte, separando assim a mãe de si mesma. O desmame, contudo, deve ser um processo natural e gradual, em que a criança vai, aos poucos, desvinculando-se da mãe.

Para muitas mães, o processo do desmame é mais difícil do que para o próprio filho, pois, inconscientemente, a mãe não deseja essa separação e por vezes torna esse processo mais complicado do que realmente deveria ser, mas esse é um processo inevitável e fundamental para a estruturação da criança. O desmame representa, nesse momento, a perda do primeiro e exclusivo vínculo com a mãe, mas que torna possível a busca pelo contato com uma terceira pessoa: o pai, ou a pessoa responsável pela função paterna.

5 A FUNÇÃO PATERNA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Diante da modernidade, com o advento da Revolução Industrial no século XVIII e conseqüentemente a participação das mulheres no mercado de trabalho, a estruturação e os modos de se configurar a família também mudaram. Hoje a mulher não é vista como única responsável pelas tarefas do lar e educação dos filhos, como era antigamente, mas também atingiu destaque no mercado de trabalho, ou seja, as mulheres vêm ampliando seus espaços, suas funções e conseqüentemente dividindo as responsabilidades da criação e educação dos filhos com o pai.

No entanto, em muitos lares, a figura do pai ainda é vista como aquele que tem por obrigação somente prover a família financeiramente, contribuindo apenas na alimentação, pagamento das contas, vestimenta dos filhos e bens materiais, deixando a mãe com a responsabilidade de cuidar, proteger, educar e dar as condições necessárias, no espaço doméstico, para que a criança se desenvolva plenamente. É bem verdade que muitas vezes a função do pai também abrange esses aspectos do cotidiano, porém, é muito pouco, sobretudo se pensarmos que as mulheres, muitas vezes, além da jornada de trabalho e do tempo que destinam aos filhos, também dão conta do provimento financeiro de seus lares.

A figura paterna é muito mais do que somente a de genitor ou responsável pela contribuição financeira familiar e exerce papel fundamental na constituição do sujeito como uma representação simbólica, muito mais do que física. Para a psicanálise, o pai enquanto função tem outro sentido além da biológica. Essa figura paterna, a partir do simbólico, propicia a estruturação do sujeito através da entrada da criança no campo da linguagem. A erotização do corpo, a construção da imagem de si e a relação amorosa que a criança passa a estabelecer com aqueles que a cercam também são atividades que se combinam de modo a proporcionar a construção subjetiva da criança, a que Freud denomina de Complexo de Édipo² e segundo Dunker (2008) resulta em um corte (simbólico) do vínculo que une a criança a sua mãe.

² Para estudo mais aprofundado sobre a Teoria do Complexo de Édipo, ver a obra de Sigmund Freud, Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1905).

Como vimos nos capítulos anteriores, a mãe e a criança, desde o nascimento, tem uma ligação muito forte, que passa também pelo sentimento de prazer de ambas as partes, ou seja, a mãe tem a função de erogenização do corpo da criança. O pai, por sua vez, tem como função retirar a criança da condição de alienação no corpo da mãe, inscrevendo-a como sujeito de desejo. Dessa forma, o pai também marcará seu lugar e mostrará que não só a mãe, mas também ele, tem valor para a criança. Sua entrada vai limitar o poder da mãe sobre o filho.

É através da Teoria do Complexo de Édipo que se introduz a função paterna ou função terceira. Masotta (1987) afirma que podemos definir o Édipo como sendo o lugar onde se historia, na primeira infância, uma função precisa: a necessidade de um “corte” na relação entre mãe e filho. A função paterna também está atrelada ao fato de fazer surgir a questão da Lei, ou seja, ele surge como alguém capaz de impor-se à antiga onipotência materna e interditar a relação desta com a criança

O pai, então, seria um representante da lei, um terceiro que possibilita o que o viver em sociedade se dê sob as regras da cultura e da moral. Dessa maneira, podemos dizer que o Complexo de Édipo dá subsídios para a entrada da criança no universo das leis e do desejo, bem como o estabelecimento do laço social com a cultura, sendo fundamental, portanto para o estabelecimento e reconhecimento da necessidade das relações com o mundo circundante, para além das suas próprias necessidades.

Voltando a questão sobre a forma como as famílias estão se constituindo na modernidade, Cabistani (2007) explica que algo mudou no que diz respeito ao ordenamento social, à lei simbólica, à função de autoridade, à distribuição de papéis e às funções no interior da família contemporânea. Sendo assim, reitero que a importância que o pai simbólico exerce não necessariamente precisa ser a figura do pai biológico. O importante é que a figura do pai seja evocada no discurso materno, para que a função mediadora do Pai simbólico esteja presente. Afinal, é a partir da fala da mãe que ele assume seu lugar. Diante dos saberes adquiridos até então com relação à formação da criança e seus laços sociais, me pergunto: e no contexto escolar, qual o papel do professor na prática educativa? De que forma o professor pode ajudar a criança em sua iniciação à vida escolar, considerando todas as experiências e aprendizagens sociais internalizadas até sua entrada na escola?

6 PROFESSORA: A ENTRADA DO TERCEIRO NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR

Nos capítulos anteriores, tivemos a oportunidade de perceber o quão importante a função materna e a função paterna são no desenvolvimento de uma criança. O que ela é, até então, é o resultado do que seus pais foram um dia e do modo como a inscrevem no mundo, ou seja, das expectativas dos pais em relação aquele ser em formação. O educador, por sua vez, participa de maneira efetiva da constituição psíquica das crianças como sujeitos de palavra, enriquecendo seu campo simbólico.

Postulamos que os educadores de creche são muito importantes nas marcas deixadas no processo de subjetivação dos bebês que frequentam essa instituição. No entanto, devemos acrescentar que eles exercem a maternagem, mas não propriamente a função materna. Uma coisa é o Outro primordial, que vai inserir a criança numa ordem filial, outra coisa é a maternagem de um Outro, cuidador, imerso nas ordens da Escola, tendo que inserir a criança na cultura. (MACIEL, 2010, p. 410).

Muitas das reuniões organizadas pela direção da escola em que trabalho – realizadas mensalmente - onde se faz obrigatória a presença da equipe de professores, pedagogas, psicóloga e da direção da instituição, foram pensadas a partir do papel que o professor tem na vida dessas crianças, as marcas deixadas nelas e suas contribuições para sua formação.

Dessa forma, acredito que a função da escola, através da figura do professor, é a de fazer a criança conhecer-se e reconhecer-se, auxiliando assim em sua formação integral.

A escola deve, especialmente no período maternal, estar atenta em ajudar a criança a adquirir confiança no EU-SOU, pois há bem pouco tempo ela passou a perceber a mãe como outra pessoa, a experimentar certa independência e a suportar a perda da onipotência. Suas atitudes devem conduzir à possibilidade cotidiana de a criança realizar pequenas escolhas e de ser consultada a respeito de suas preferências, na medida do possível. (RIBEIRO, 2008)

Nesse sentido, a educação tem relação com a função paterna porque leva o sujeito a reconhecer-se em si, descobrindo o mundo através da linguagem. O professor, através do ato de cuidar e educar, também deixa sua marca na formação

da criança, ajudando-a principalmente no seu processo de individuação e na ampliação dos laços sociais.

No entanto, antes que tudo isso seja possível, ao professor é destinada uma tarefa muito importante, de mediar, proteger e nortear a criança em seu processo adaptacional.

Sabemos que a inserção das crianças na Escola Infantil é um processo bastante importante, pois marca a sua primeira relação com o mundo escolar. Além da questão do distanciamento da família, a criança se depara com um mundo até então desconhecido para ela, onde ela irá se relacionar com outras crianças e com outros adultos - que não somente os seus pais – interagindo, socializando e trocando. Também irá aos poucos internalizando a rotina da instituição, ao vivenciar os diferentes momentos que envolvem as propostas pedagógicas, como o brincar, a alimentação, a higiene. No entanto, o período de adaptação não é só da criança, mas também para os familiares, bem como para os professores.

Em geral, a questão da separação é tida como traumática pelos pais, que sentem-se muito angustiados por se separarem dos filhos. A forma como a criança irá reagir diante da separação dependerá de alguns fatores, como as condições do lugar onde a criança se encontra e sua relação com as pessoas que estão junto a ela. Acredito que a adaptação pode revelar muito do que a criança até ali experienciou no sentido das relações sociais e de que forma se deram tais processos. A forma como ela reage ao período de adaptação demonstrará isso. A escola, nessa perspectiva, pode ser vista como um terceiro na relação pais-criança, em que seu papel é o de mediar e auxiliar as relações da criança. Ela será a primeira grande fonte de inserção da criança no mundo social, que até então foi realizado somente pela família.

A função paterna está diretamente implicada na educação. A educação é produtora de laços sociais, e é o percurso que faz um ser humano no processo de tornar-se sujeito de sua história, responsável por seus desejos e seus atos, junto a seus semelhantes. Ela (a educação) depende de uma função que situa o sujeito no campo do simbólico, no universo da linguagem e da cultura, a saber, a função paterna (CABISTANI, p. 11, 2008).

A seguir, relatarei três casos que perpassaram esse período da minha prática docente e que me dão subsídios para esclarecer as questões que busco entender

com esta pesquisa. São fatos ocorridos no decorrer do processo de adaptação de crianças com idade entre dois anos e dois anos e meio. Os casos têm em comum a idade da criança, a condição econômica das famílias e a escola de educação infantil, no entanto as reações tanto da família como das crianças foram diferentes.

Antes, contudo, pretendo contextualizar o espaço em que se deram os casos, dando maiores informações sobre a instituição de ensino em que os casos ocorreram.

7 A ESCOLA FRENTE À ADAPTAÇÃO

A escola está inserida, num bairro de classe média, na zona oeste onde o poder aquisitivo é bastante favorável. Atende crianças de 1 ano a 5 anos, e 11 meses em grupos de Berçários, Maternais e Jardins. O horário de funcionamento é das 7h30 às 19h, de segunda à sexta-feira. O espaço físico da escola é bastante amplo e as salas adequadas para cada faixa etária.

A matrícula é feita em qualquer momento do ano letivo, desde que haja vaga na turma. Ao matricular a criança, os pais realizam entrevista com o corpo diretivo e a psicóloga, que faz a anamnese. Também preenchem uma ficha com as principais características e especificidades da criança.

A tendência pedagógica é a Construção de Aprendizagem e a metodologia é de Projetos, construído coletivamente num processo de planejamento a partir de um tema gerador, que é trabalhado durante o ano letivo, escolhido a partir das necessidades percebidas nas crianças ou eleito pelo grupo de professores quando um assunto for considerado de extrema importância.

A avaliação dos alunos se dá através da observação contínua e registros descritivos, dos aspectos cognitivos e afetivos realizados pelos professores que atuam diariamente nas turmas em conjunto com a equipe interdisciplinar da escola, como professores especializados, nutricionista, psicóloga e pedagoga.

A avaliação é entregue aos pais em forma de Parecer Descritivo, semestralmente com a presença de todos os profissionais envolvidos no processo.

A avaliação da Escola é realizada no final do ano através de formulário enviado aos pais que retorna a Escola e posteriormente é debatido em reunião, na busca de aprimorar e qualificar o processo de ensino aprendizagem na Escola.

Quanto ao processo de adaptação, sabemos que este é um momento muito importante na vida da criança, bem como para seus familiares, a escola, contudo, responsabiliza-se em debater este assunto formando seus professores nas reuniões mensais para atuarem de forma profissional e ética. Algumas orientações podem facilitar esse processo. São as seguintes orientações dadas aos pais:

- Respeitar o ritmo de cada criança e as manifestações de ansiedade e medo;

- Na hora da despedida, procurar ser firme e direto, explicando que irá esperá-lo ou irá buscá-lo depois;
- Não fugir da criança ou desaparecer quando ela se distrair, é importante despedir-se para que ela se sinta segura em relação ao adulto;
- Valorizar as conquistas diárias da criança;
- Respeitar as combinações feitas com a criança e com os professores;
- Evitar oferecer algo em troca para que a criança fique na escola;
- Preparar a criança antes de levá-la a escola, porém, sem supervalorizar este momento;
- Cabe à mãe, ou adulto responsável, entregar a criança ao educador, colocando-a no chão e incentivando-a a ficar na escola. Não é recomendável deixar o educador com o encargo de retirar a criança do colo da mãe (ou responsável naquele momento);
- Incentivar a criança a procurar a ajuda do educador quando necessitar de algo, para que crie laço afetivo com ele;
- Se os pais confiam na escola, sentirão segurança na separação e esse sentimento será transmitido à criança;
- Evite interrogatórios sobre o dia da criança na escola; deixe ela manifestar-se espontaneamente;
- Deixe a criança levar um brinquedo de casa ou objeto que ela costuma usar em casa para a escola: cobertor, travesseiro, boneca, paninho etc, isso a deixará mais segura no novo ambiente;
- O período de adaptação é único, varia de criança para criança e deve ser avaliado individualmente.

Há também um quadro, sugerindo a permanência da criança na escola gradualmente, geralmente acrescentando uma hora por dia, podendo este período ser adequado conforme a necessidade da criança. Os pais ou algum adulto de

confiança devem permanecer na escola, de preferência na sala de espera. Assim, se a criança se sentir insegura ou chorar muito, a professora poderá levá-lo até ele. Depois que a criança não solicitar mais encontrar os pais, estes poderão sair, despedindo-se da criança e voltar para buscá-la no horário marcado.

8 RELATOS DE EXPERIÊNCIA E ANÁLISES

CASO 1

Leandro³ chegou à escola em fevereiro de 2010, período de férias. Tinha dois anos e seis meses e a responsável por acompanhá-lo na adaptação foi sua mãe. O período de adaptação foi longo e desgastante, tanto para a criança, como para a mãe e as professoras. Desde os primeiros dias, Leandro mostrou-se bastante tímido e quase não aceitava nenhum tipo de contato e comunicação que não fosse com sua mãe. A mãe relatou, logo nos primeiros dias, que Leandro não estava acostumado a ficar com ninguém além dela, pois seus avós moravam longe e desde seu nascimento ela havia parado de trabalhar para cuidá-lo.

Quando ele chegava à escola, não aceitava freqüentar outros espaços a não ser a recepção da escola, sempre em companhia de sua mãe. Seu objetivo era que os dois ficassem somente na recepção, não queria ir aos outros ambientes, ali ele brincava um pouco e pensava que quando não quisesse mais ficar poderiam ir embora. Balaban afirma que o agarramento, o choro, o chamado ou o andar atrás dos pais são características de todos os seres humanos jovens e são explicados pelos etólogos (aqueles que estudam as ligações entre a vida humana e a vida animal) como restos de um indispensável, primitivo, mecanismo de proteção. (1988, p. 28). Por mais que tentássemos uma aproximação, Leandro recusava-se, provocava ânsia de vômito e não aceitava ajuda das professoras nem para trocar sua roupa ou ir ao banheiro, só aceitava locomover-se dando a mão para a mãe, mesmo depois de quase um mês freqüentando a escola no turno da tarde. Coube a mim a tarefa de mediar a relação entre mãe e filho, valorizar a ligação que entre eles existia e mostrar-me como alguém de confiança e não como uma substituta da mãe. Percebi naquele momento que ele estava se protegendo de mim e eu comecei a pensar de que forma eu poderia criar laços com ele, fazendo com que ele sentisse curiosidade em explorar os espaços da escola, os materiais e visse em mim a figura que poderia auxiliá-lo nesta aventura.

³ Para preservar a identidade e a integridade das crianças, os nomes utilizados são fictícios.

A postura da mãe, por sua vez, era bastante contraditória, pois ao mesmo tempo em que pedia para que o menino ficasse com as professoras, não largava sua mão. O modo como a mãe (ou responsável) se comportará diante da possível separação entre ela e o filho fará toda a diferença na reação da criança e marcará a intensidade com que o vínculo se manifesta. Leandro chegava à escola sempre chorando e querendo voltar para casa, suas mãos não desgrudavam das de sua mãe, certamente ele ainda não se sentia seguro naquele espaço. A reação de sua mãe era rígida em relação ao comportamento do menino. Ela repetia com frequência “largar minha mão” ou “não precisa me dar a mão, Leandro”, outras vezes oferecia presentes desde que o menino ficasse na escola ou ainda falava: “Seja forte, vai com a profe”. Provavelmente, a mãe estava pedindo para que o menino fosse mais forte do que ela naquela situação em que ela mesma não estava conseguindo ser.

Segundo Bowlby (2002, p. 322):

Quando a mãe rechaça a criança que deseja estar perto dela, isso tem, com frequência, um efeito exatamente oposto ao que é pretendido; a criança mostra-se mais agarrada do que nunca. Do mesmo modo, quando uma criança suspeita de que a mãe está prestes a afastar-se, insiste implacavelmente em permanecer a seu lado. Quando por outro lado, uma criança observa que a mãe lhe presta toda a assistência desejada e está pronta para corresponder sempre que desejar maior proximidade com ela, a criança manifestará seu contentamento e poderá, inclusive, empreender suas explorações a maior distância da mãe.

Leandro, ao pedir pela atenção de sua mãe era repreendido com o pedido para que se afastasse. A mãe, entretanto, demonstrava nervosismo e rispidez relutando em distanciar-se. Percebe-se com isso sua insegurança, pois a mesma não transmitia a Lucas a confiança necessária para que o mesmo pudesse aventurar-se junto aos colegas e a professora em busca de novas descobertas.

Mesmo tentando demonstrar que estava tudo bem e que ela queria que o menino se adaptasse para que pudesse trabalhar, percebia que seu comportamento era contraditório ao que ela dizia, pois todas as vezes que chegava com Leandro para fazermos a adaptação, ao ver o choro do menino e seus apelos para ir embora, ela tremia e ficava muito nervosa. Acredito sim que ela queria que ele ficasse bem e gostasse de estar ali, no entanto ela não sabia como lidar com a situação. Por certo este comportamento ambíguo não ajudaria Leandro a criar vínculo e confiar nas professoras, percebi então que a adaptação não seria somente

de Leandro, mas também de sua mãe, ela deveria receber apoio para lidar com a situação de forma mais confiante, pois como ele poderia confiar na escola se as atitudes de sua mãe diziam o contrário?

Ao longo desse período, procurei trabalhar com ela, através de artigos acadêmicos que ajudassem a explicar melhor esse período. Conversamos também sobre certas atitudes que os pais podem tomar para que a adaptação se torne menos angustiante tanto para ela quanto para a criança. A partir do momento em que a mãe passou a não interferir tanto, deixando-me conduzir a situação e criando um vínculo maior com Leandro, as coisas começaram a mudar. Aos poucos, através das brincadeiras e das atividades diversas que envolviam as crianças, Leandro foi percebendo que aquele não era um ambiente em que ele iria somente ficar, mas que através dele poderia agir e interagir.

Durante as observações diárias, pude perceber que ele gostava muito de atividades com tinta, planejei algumas atividades em sequência durante alguns dias, a partir daí Leandro iniciou um processo mais gratificante, conheceu os colegas, criou afinidades e foi integrando-se a eles.

As atividades dramáticas, músicas, jogos, pintura, desenho, etc, são ricas oportunidades educacionais, que favorecem a capacidade simbólica da criança, o aprendizado, o prazer e a elaboração de vivências anteriores, inclusive as inconscientes... É extremamente importante que o professor tenha verdadeiro gosto (e disposição!) para tipos de atividades que interessem aos alunos. Somente à medida que a criança vai sentindo-se um indivíduo é que vai podendo participar de um grupo sem sentir-se ameaçada em diluir-se nele. (WINNICOTT, p. 173, 2008)

Também a mudança da postura da mãe foi fundamental para a adaptação de Leandro, uma vez que ele percebia a angústia dela, não sentia-se seguro para conhecer aquele espaço. No instante em que dispensamos a mãe e que combinamos que a chamaríamos caso precisássemos (eles moravam bem perto da escola), Leandro adaptou-se rapidamente, nunca mais chorou ou chamou por ela, estava totalmente envolvido com sua nova rotina.

Vendo a aflição da mãe de Leandro nas despedidas, lembrei a ela que poderia ligar sempre que achasse necessário e falar com a diretora para acompanhar a rotina do filho. Ela concordou, na verdade ficou muito agradecida e ligou em diversas situações, durante alguns dias, para saber de Leandro. Devemos

perguntar aqui de quem foi a adaptação. O que produziu esse novo posicionamento da mãe?

Acredito que o sentimento de confiança da mãe em relação as competências da professora foram fundamentais para que ela ficasse tranquila em relação ao filho. O vínculo de confiança que procurei manter com ela a ajudou a encarar a situação como temporária, ou seja, quanto antes Leandro se sentisse a vontade comigo menos ela sofreria, e por consequência, o menino.

Alguns sentimentos são compreensíveis quando examinados sob o ponto de vista das histórias dos próprios pais. Os pais também alguma vez já foram crianças na escola. Talvez eles, como seus próprios filhos, também ficaram retraídos ou amedrontados quando foram para a escola pela primeira vez. Os pais também tem sentimentos em relação a professores, baseados nessas experiências passadas. Esses sentimentos frequentemente ressurgem nas primeiras idas para a escola, quando os pais revivem algumas de suas próprias experiências com o início de sua vida escolar e com a separação. Sentimentos de medo, ansiedade, preocupação e desconforto misturados com a excitação, não são desconhecidos para os pais quando eles entram numa sala de aula com seus filhos pela primeira vez. (BALABAN, 1988, p. 19).

Essa passagem expõe claramente a dimensão que as relações entre mãe e filho terão no sucesso dos primeiros dias no espaço escolar. Os pais, já com suas vivências e histórias de vida, não são apenas mais um, mas estão ali entregando seu maior tesouro aos cuidados de uma terceira pessoa que, além de tudo, não conhecem muito bem. Confiar na equipe parece ser a parte mais importante nesse processo.

CASO 2

Pablo foi meu grande desafio no ano de 2011. Lembro da primeira vez em que ele foi visitar a escola, com sua mãe e sua avó materna: estava bastante eufórico, brincou em vários brinquedos ao mesmo tempo, queria usar todos ao mesmo tempo, parecia até que nunca tinha visto tantos brinquedos na sua frente, mexia mas parecia não saber o que fazer com tantas opções, de qualquer forma pareceu ficar à vontade. No dia em que estavam visitando não queria mais sair da

escola – inclusive pediu que a mãe e a avó fossem embora - sua mãe falou que voltariam daqui a uma semana para realizarem sua adaptação.

E assim foi. Pablo voltou em uma semana e os primeiros dias foram tranquilos, ele ficava poucas horas - conforme cronograma estabelecido pela escola para a realização de uma adaptação gradual - e sua mãe o acompanhava, esperando-o na recepção da escola. Confesso que fiquei surpresa com seu comportamento, pois a maioria das crianças costuma demonstrar receio nos primeiros dias. Pablo, porém, queria tocar em tudo, pegar tudo e ficou encantado com os brinquedos disponíveis no pátio: escorregador, balanço, vai-vem, casinha, carrinhos, entre outros. Os primeiros dias da adaptação seguiram assim, porém não por muito tempo.

Na semana seguinte, Pablo demonstrou sua insatisfação e já não queria mais ficar na escola, foi como se o “encanto” dos primeiros dias tivesse se desfeito. Introspectivo, o choro tornou-se constante e ele chamava pela mãe: - “Eu quero a minha mami”, ou - “A minha mamãe foi trabalhar”. A princípio, considerei algumas hipóteses para tentar justificar a reação do menino: a primeira seria o fato de que ele pudesse sentir-se incomodado por ter que dividir a atenção com os colegas – Pablo é filho único e nunca havia frequentado a escola; outra possibilidade seria o estranhamento da rotina e das normas da escola, pois nos primeiros dias Pablo mostrou-se à vontade, porém logo na primeira semana foi demonstrando estranhamento aos diversos momentos da nossa rotina.

Quando chegava o horário da janta, por exemplo, ele não continha as lágrimas e tampouco aceitava os alimentos oferecidos pelas professoras, chorava até provocar vômito, então tentamos diversas estratégias para que ele se sentisse melhor, como levá-lo para “dar uma volta” enquanto os colegas jantavam, foi assim até conseguirmos com que Pablo se habituassem ao novo cenário. Nos dias que se seguiram pude observar o comportamento do menino em sala, na companhia dos colegas, pois antes ele não entrava na sala de maneira alguma, então ficávamos com as crianças em diversos espaços da escola: no pátio, na brinquedoteca, na área coberta e na sala por breves períodos, até que ele se sentisse seguro para enfim permanecer na sala com os colegas por mais tempo.

O que mais chamou minha atenção no comportamento de Pablo foi o fato de que ele não se deslocava de um lugar ao outro sem me dar a mão, não brincava com os colegas e preferia estar sempre do meu lado, a qualquer momento. Nas horas de brincadeira livre não chegava perto das crianças e tampouco brincava sozinho, ao acompanhá-lo na tentativa de incluí-lo no grupo e fazer com que se entrosasse com os colegas, Pablo seguia apático, pegava os brinquedos, mas não fantasiava, não brincava, dava a impressão que não sabia como manuseá-los. Percebi então que o jogo simbólico não fazia parte do seu cotidiano, ele não tinha iniciativa, não sabia como se comportar diante deles. Senti então que deveria fazer uma investigação mais ampla sobre sua rotina quando não estava na escola, conversar com os responsáveis e acionei a psicóloga para uma avaliação mais profunda, dando ênfase no convívio familiar.

A psicóloga da escola constatou, em conversa com a avó, que Pablo passava muito tempo com ela e que na maioria das vezes ficava olhando televisão. Descobrimos que ninguém brincava com ele ou estimulava-o a realizar outra atividade que não fosse a televisão. Creio que o fato de Pablo não ter contato com muitas pessoas e conviver mais dentro de casa não ajudou em sua adaptação. Estudos de Bowlby (1999) apontam que crianças com dificuldade de apego são crianças, que, por uma razão ou outra, experimentam muito menos estimulação social de uma figura materna do que crianças em que o desenvolvimento de apego é mais rápido.

A partir do que pude observar no comportamento de Pablo, me questionei sobre sua rotina em casa: Do que brincava? como brincava? Quem brincava com ele? Quais suas referências? A quem ele se reportava? Foi feita então uma segunda anamnese além da entrevista feita com os pais de Pablo quando ingressou na escola. Os pais foram convidados a uma reunião com a psicóloga e desta vez, muitas questões surgiram. A mãe de Pablo relatou sentir-se insegura em relação à educação do menino. Contou que em muitas situações não sabia como lidar com ele e a relação dos dois era basicamente de irmãos e que quando brigavam eles não raramente se batiam (mãe e filho). Os pais trabalhavam em turno integral e o menino passava mais tempo com a avó. Ela relatou também que não se sentia como mãe, ou seja, ela se colocava mais no papel de filha do que de mãe, desta forma a mãe

dela (a avó de Pablo) servia mais para o menino como referência materna. A avó, por sua vez, era a pessoa que passava mais tempo com ele. Pude constatar que ninguém brincava com ele, o menino não era ouvido, tampouco estimulado a explorar, descobrir ou questionar e por isso era apático. As atitudes da família justificam em parte porque Pablo não tinha iniciativa, somente obedecia, era passivo.

De qualquer forma, a maneira como Pablo recorre sempre a avó como referência demonstra como os papéis das funções materna e paterna estavam irregulares e confusos para Pablo, o que, provavelmente o deixava inseguro com relação ao novo ambiente que estava por desvendar.

A relação dos pais de Pablo também estava desgastada e ela relatou que Pablo dormia na cama junto ao casal. A psicóloga então sugeriu que o menino tivesse seu próprio espaço, dando espaço também para a vida conjugal. Sobre este aspecto Winnicott (1999) ressalta a importância do casal no desenvolvimento da criança. Os pais são os responsáveis por criar um ambiente acolhedor e confortável para que a criança cresça em um contexto através do qual consiga descobrir-se e também ao mundo. A mãe de Pablo não se via na função materna e o menino passava mais tempo com a avó do que com os pais.

O pai de Pablo, por sua vez, não encontrava espaço nessa relação, pois a criança não o mencionava em nenhum momento. Percebi também, em diversas oportunidades, que o pai não sabia como conquistar o menino e utilizava o autoritarismo para fazer-se presente. Não raramente xinga-va o menino, quando este não queria abraçá-lo e/ou beijá-lo ao se encontrarem, ou seja, não havia sido construído vínculo afetivo. Dessa maneira, pude constatar que a função paterna não estava sendo exercida, no sentido de desempenhar uma função de autoridade, a palavra do pai era desvalorizada.

A mãe também contou que não havia diálogo com Pablo, que às vezes batiam nele sem justificativa e não tinham muita paciência. Com estes dados em mãos pudemos realizar um trabalho interdisciplinar, em que estivessem envolvidos a psicóloga, a pedagoga e eu como educadora, que me deu subsídios para algumas intervenções. Desta forma pude perceber como cada profissional tem o seu papel e a importância da relação com a família no processo de adaptação.

Depois da entrevista com a psicóloga, muita coisa mudou e então pude perceber as mudanças no comportamento de Pablo. Os pais passaram a buscá-lo juntos frequentemente e a mãe percebeu que poderia conversar com Pablo ao invés de castigá-lo fisicamente. Na metade do primeiro semestre percebi as reações mais espontâneas de Pablo e conseqüentemente ele sentiu-se mais seguro para lidar com as situações em sala, aprendeu o nome dos colegas, desenvolveu autonomia para alimentar-se e passou a interagir e relacionar-se afetivamente com os colegas e a professora.

No caso de Pablo, podemos perceber que as relações do menino com as funções que os pais exerciam estavam confusas, acredito que a inconstância e irregularidade das funções materna e paterna resultam em uma má qualidade da interação da criança com os pais, gerando na criança insegurança. Na anamnese a psicóloga ressaltou algumas questões que poderiam estar atrapalhando o relacionamento de Pablo com os pais. A intervenção da escola, portanto, foi de mediadora e organizadora das funções parentais.

CASO 3

Alan matriculou-se na escola quando o ano letivo já havia iniciado, na ocasião tinha 2 anos e nove meses. No dia em que nos vimos pela primeira vez, ele passou por mim feito um furacão. A mãe do menino logo veio conversar, disse que moravam nas redondezas e perguntou se seria eu seria a professora dele. Respondi afirmativamente e conversamos mais um pouco sobre o Alan, ao nos despedirmos ela disse que iria confirmar a matrícula e que Alan iniciaria daqui a poucos dias.

Enfim, chegou o primeiro dia de aula - Alan nunca havia frequentado a escola antes. A mãe levou-o até a porta da sala e disse que precisava ir trabalhar, que voltava depois do horário da janta para buscá-lo. Quando Alan quis sentir-se desconfortável a mãe abaixou-se à altura dele e lembrou-o que eles já haviam conversado sobre isso, que ele não precisaria se preocupar e que no horário marcado ela estaria ali para pegá-lo. Alan concordou, despediu-se e entrou comigo

na sala. Passou uma tarde muito tranquila, conversou, participou de todas as brincadeiras propostas, jantou e em seguida, como combinado, a mãe de Alan chegou.

Alguns dias depois Alan estava totalmente integrado com a turma, participando ativamente e habituado com a rotina da nova escola. Percebi então que Alan não passara pelo processo de adaptação, ou no mínimo que seu processo fora tranquilo, “indolor”. De qualquer forma, o processo de integração entre Alan e as outras crianças, ao ambiente e aos novos espaços foi mediado pela professora, através de brincadeiras e jogos que tiveram o objetivo de fazer com que Alan se sentisse confortável mesmo longe dos pais. Pude perceber que logo ele integrou-se à rotina, aos brinquedos, aos colegas, à alimentação e principalmente a mim, reportando-se a professora e expressando-se quando precisava de algo.

Ao conversar com a mãe de Alan, ela me relatou que antes de tomarem a decisão por essa escola, visitaram mais algumas na companhia dele, e a cada visita conversavam sobre o assunto: que as crianças ficavam ali para aprender, divertir-se, mas que os papais e as mães não poderiam ficar junto a ele. Disse que tudo era conversado com ele e que não costumavam mentir, assim quando a mãe disse que estaria logo após a janta, ela ali estava no horário marcado.

Em seus estudos sobre o início da vida escolar, Balaban (1988) reitera a importância dos pais falarem com as crianças antes de irem para a escola, dizendo que é o lugar onde as crianças vão brincar, aprender, comer e descansar. As crianças devem compreender, com clareza, que continuam a morar em suas casas e que, no final do dia escolar, os pais sempre irão buscá-las.

As crianças que estão ligadas a seus pais de maneira segura confiam cegamente neles, o que favorece o surgimento da sua própria autoconfiança (Balaban, apud Ainsworth, Bell e Stayton, 1988). Os estudos ainda apontam que crianças dependentes de seus pais evitam o surgimento de suas autoconfianças, no que se refere à autonomia, e, ao invés disso, se grudam em seus pais. No caso de Alan, pude perceber como o comportamento atencioso, porém, firme dos pais ajudou em sua adaptação, pois apesar de serem pais preocupados em escutá-lo também se

posicionaram, dividindo a tarefa de ambientar Alan nesse novo espaço com a professora.

Essa postura bastante confiante (e confiável) dos pais de Alan certamente foi essencial para que ele se sentisse seguro e confortável nesse espaço a princípio desconhecido. Um dia a mãe o busca, no outro o pai, estes são bastante envolvidos com as atividades do menino no ambiente escolar, sempre conversam com a professora no horário da saída, encaminham o material solicitado para as atividades e participam da rotina de Alan através da agenda. É notável que as conversas anteriores e a segurança que os pais têm em relação à sua educação contribuíram para a postura de Alan durante os primeiros dias na escola, bem como para a postura motivada e participativa do menino durante todo o ano letivo.

Podemos propor que esta relação de confiança foi construída através dos laços afetivos entre mãe e filho desde seu nascimento – ou antes disso, com a expectativa da sua chegada – e o processo de desmame teve papel importante no processo de individuação dessa criança. Acredito que o tempo do desmame, onde a criança irá reconhecer a mãe como uma pessoa diferente de si mesma, é essencial no processo de subjetivação.

Segundo Queiroz,

O desmame é, antes de tudo, uma perda do calor corporal, uma separação do contato corpo-a-corpo entre a mãe e o bebê. Essa perda do contato corporal é uma manifestação da perda simbólica do laço privilegiado que há entre eles, que marca a passagem da relação dual com a mãe, a uma relação mais socializada. (2005, p. 171)

No caso de Alan, acredito que ele efetuou a verdadeira separação de sua mãe neste processo, fazendo assim o corte necessário para que outras relações se estabelecessem, primeiramente com o pai e mais tarde com a professora, marcando também o modo como Alan irá lidar diante das próximas relações sociais que se estabelecerem no decorrer de sua trajetória.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Profe, eu ainda não acabei!” Esta é uma fala recorrente de Pablo atualmente que, aos poucos, desvinculou-se de uma postura apática e foi conquistando independência, buscando seu espaço na turma. Ao longo do seu processo de adaptação, diante das mais variadas situações em sala de aula, Pablo sempre foi estimulado por mim a se posicionar, fazer e justificar suas escolhas. Foi um processo lento e gradual, em que não haveríamos obtido sucesso sem a união de esforços entre a família e a equipe da instituição. Diferente do semestre anterior, Pablo sente-se seguro para falar quando algo lhe agrada ou desagrada e sabe que pode recorrer à professora para conversarmos até chegarmos a um entendimento. Pablo hoje realiza as atividades com motivação, despertou-lhe enfim a alegria da conquista e do prazer pela descoberta através das atividades propostas”. (meu relato)

Ter a oportunidade de vivenciar essas experiências e oportunizar as crianças a descobrirem seus limites, suas capacidades, a lidar com as angústias, incertezas e alegrias da descoberta de um novo mundo, cheio de possibilidades, é simplesmente fascinante. Contudo, o carinho, a compaixão e a identificação com a história da criança que inicia sua vida escolar não são suficientes para ajudá-la nesse processo, é preciso muito mais do que isso.

Compreender de que forma a criança se constitui, se transforma, se descobre a partir das relações com outras pessoas tornou-se fundamental para que minha prática docente se norteie a partir dos saberes conquistados até aqui. Dessa forma poderei participar da formação das crianças embasada em meus pressupostos teóricos sobre a temática. Por tudo isso, penso ser fundamental a existência de dispositivos como grupos de reflexão aos professores, para que possamos ampliar cada vez mais nossos conhecimentos e ampliar as questões que giram em torno da educação.

O conhecimento dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, assim como procedimentos interessantes de ensino, favorece o encontro da criança com o ambiente, que, se for enriquecedor, prioriza os interesses infantis [...] (WINNICOTT, p. 162, 2008).

Ao me questionar sobre as reações das crianças e seus diferentes comportamentos diante da adaptação escolar, tive a oportunidade, através dessa pesquisa, de aprofundar meus conhecimentos no que se refere ao desenvolvimento infantil sob a perspectiva psicanalítica, considerando os estudos de Freud e seus seguidores, que a partir das teorias aliadas a minha prática docente me fizeram compreender um pouco mais – porém nunca o bastante – sobre a formação do sujeito e sua subjetividade. Pude constatar, contudo, que o processo de adaptação está diretamente ligado às relações sociais que a criança vivencia junto à sua família nos primeiros anos de vida, Balaban (1988) afirma que é através de relações humanas sólidas e íntimas que as crianças se relacionam com um mundo humano e físico maior. Daí a importância que uma relação segura e estável irá proporcionar à criança marcas que certamente se farão presentes nas primeiras relações com o universo escolar.

É preciso entender que ao iniciarem sua vida escolar, as crianças trazem consigo uma história de vida. Cada família carrega consigo suas crenças, seus costumes e é desejável que a professora desenvolva certa sensibilidade para levar em consideração todas as experiências vividas pela criança e toda bagagem que ela trás consigo até o momento. Do mesmo modo, as crianças também irão descobrir aos poucos que os adultos se comportam de maneira diferente e precisam de tempo para assimilar e diferenciarem aquilo que acontece em casa daquilo que acontece na escola.

[...] as crianças vão para a escola com uma série de expectativas acerca dos adultos, construída a partir de suas próprias experiências. Leva tempo e a criança ter novas experiências com adultos diferentes para aprender que os adultos agem de muitas maneiras diferentes. (BALABAN, p. 15, 1988).

Os professores, por sua vez, podem ajudar as crianças e seus pais a se separarem de uma forma mais tranquila, transmitindo-lhes um sentimento de compreensão nas suas capacidades individuais de lidar com o processo de separação. Acredito que a qualidade das relações entre pais e crianças - principalmente nos primeiros anos de vida - vão dar os subsídios necessários para que as crianças desenvolvam plenamente suas potencialidades e irão propiciar que

outras relações sociais ocorram de forma saudável no decorrer da vida. A busca de uma ligação com outras pessoas e grupos sociais, a interação, a troca, a identificação (ou não) com outras pessoas e a formação de novos vínculos está diretamente ligada à conquista da maturidade e do crescimento pessoal.

Da mesma maneira, as experiências passadas de uma criança desempenham um papel vital em seu desenvolvimento, e continuam sendo importantes para ela por toda a sua vida, sobretudo no período em que a criança inicia sua vida escolar. Por certo, adaptar-se a uma nova situação não é tarefa fácil, sobretudo quando percebermos que a adaptação não é somente da criança, mas também da família, do professor, da instituição e das outras crianças que já fazem parte daquele grupo.

Acredito não haver uma fórmula ou receita para o sucesso da adaptação escolar, considerando que cada criança é única e reagirá de forma diferente diante de cada experiência vivenciada. No entanto, compreender as etapas do desenvolvimento infantil favorece ao professor a possibilidade de lidar com os pequenos com um olhar mais sensível, valorizando as diferentes etapas e o caminho percorrido pela criança até sua entrada na escola.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

BOWLBY, John. **Apego – A natureza do vínculo**. Tradução de Álvaro Cabral, V.1, 3ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____. **Separação: Angústia e Raiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Cuidados Maternos e Saúde Mental**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. **Formação e rompimento de laços afetivos**. 3ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BUJES, Maria I. E. **Escola Infantil: P'ra que te quero?** In.: Educação Infantil P'ra que te quero? Craidy; Kaercher (Orgs.) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

CABISTANI, Roséli M. **O. A novela familiar contemporânea e a educação**. In. Educação e função paterna. Rodrigues, Fátima; Gurski, Roselene. (Orgs.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CRAIDY, Carmem Maria. **A Educação Infantil e as novas definições da legislação**. In.: Educação Infantil P'ra que te quero? Craidy; Kaercher (Orgs.) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

KUPFER; JERUSALINSKY. **Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica.** In.: Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online, v. 6, n. 1, p. 48-68, maio de 2009.

MACIEL, R. M. **A creche como terceiro.** In.: Inter-Ação. Revista da Faculdade de Educação, UFG. V. 35, n2, jul./dez. Goiânia: Editora da UFG, 2010.

MASOTTA, Oscar. **O comprovante da falta: lições de introdução à psicanálise.** Campinas: Papyrus, 1987.

QUEIROZ, Telma C. N. **Do desmame ao sujeito.** 1ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida - um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais.** Tradução de Rothildes Millan Barros da Rocha. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Aprender Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação – Winnicott.** Jul/dez. 2008. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008.